

CAFÉ RICHE

B<sup>D</sup> DES ITALIENS, 16

PARIS (9<sup>E</sup>)

TÉLÉPHONE { GUTENBERG 68-32

2 LIGNES { CENTRAL 86-29



1154-114



Monsieur

Fernando Pessoa.



24, rua de Passos Manuel = 3<sup>o</sup> esq.

(Portugal)

Lisbonne



~~Afrouz~~ Porceuno melhor o aconçar que em vez  
de na poesia, rincando o cocegor. Sí, a no entanto

CAFÉ RICHE

TÉLÉPHONE { GUTENBERG 68-32  
2 LIGNES } CENTRAL 86-29

BOULEVARD DES ITALIENS, 16

PARIS (9<sup>e</sup>)

115-4-115

Paris. Maio de 1913  
Sua G

Meu querido amigo,

Agora são cartas quotidianas!  
Mas haja s'porque recebi a sua, embora não  
funtamente mais versos.  
Você, é um Santo!!!

Muito interessante e subtil o q'diz sobre  
o Beirão. Concordo plenamente com a necessidade  
de mais de um estilo.

BIBLIOTECA NACIONAL

Quanto aos Paues. Omo pede, vna. che falar  
com franquera. S'peço - elo qro me acredite.  
É' uma verdade realmente, mas peço - che  
que me acredite. Eu n'nto-os; eu comprehendo-os  
e acho - os simplesmente uma coisa maravilhosa;  
uma das coisas mais gerais que de resto encontro.

115<sup>4</sup>-1159

E' álcool devirado, e' chama  
louca, perfume de elas misteriosas  
o que rocei por vane excepto admis-  
ivel, aonde abundam as garras.  
Assim, além do sublime primeiro verso  
que lista ~~o~~ o fogo, ha estes magistrais  
que destaco:

O que mudou grito de aves foi garras na hora  
que fomos de viva aveia por outra vida q'v q'chora?  
Fluido de ameixa, transparecendo foi; Eco de ber-re...  
Quintal saiu a ser outro... Luan sobre o não-encontrar...

e isto que me faz medo, não vi fugir:  
A sentinelha é horda, ea dança que fiz se af. (?)  
no chão - E' mais ieto do que ela,  
para elle não copiar troca a poesia  
é a unicamente um pedaço que pare  
parece travessado; que pelo menos em não  
adivinhe; em sumo q' não adio belo. São  
os dois versos e meio que enegram em "Cada  
de recuso, e terminam seu meu sinto esquecer,  
é q' eu adio fechado, o o conjunto foi o verso  
"E recordar tanto o seu proprio q' no sinto q' esquecer.

é admirável e até encante. O que  
não aturjo é lixas da "buda de reis"  
que curada, em os dois versos que elle  
repetiu. Bem suara: a única coisa  
que não sinto são essas 4 palavras.  
Dero-de também dizer que José soube  
boa frase final "tão de ferro"; não  
é dia suficientemente louca nem bela  
para a desafiar da sua rudeza respeito.  
E abstraindo o que disse (que não é nada)  
tudo o conjunto é sublime. Quem  
escreve coisas como esses versos, é  
que tem racão para audiar beijo de  
Ri. Desculpe-me não me alargar mais,  
em consideração. Confesso. elle que isso  
é uma maravilha; por meus trocados  
este verão, logo no começo de julho (está  
dentro de apenas 2 meses) ai em Lisboa.  
Papisco. elle que não acredite. Eu  
fizendo errar, mas disso. elle o que elle  
peste, só o que fez. E se le: Eu  
têm achado os Paes tão rebeldes como  
voce quer; achado os mesmos muito mais  
duro do que outras poesias suas. Falvez

por uma circunstância fúria.

(O Ferro seu santo de Outém, falava-me  
no Paes, dizendo: «Ios muito belos,  
mas encontrando-lhe no entanto "enigmas,"  
- a palavrão é d'ele - a mais).

Curioso o que diz sobre as vegetações.  
É acho especialmente significativo e  
confortador para o efeito o caso do Poete.  
E' que ha Arte que se aprecia melhor  
antes de procurar compreendê-la. Presenteis  
é mais do que senteis.

---

Junto vao duas pequenas poesias, nro.  
de Dispersão. No "Inter. Souto," emoldurei  
três frases do "Baile," que eu reputo  
ser coisas mais belas que tais que existem  
e q' de forma alguma quereria perder.  
Foste, afeciono estas duas poesias embora  
sejam menos importantes da "Dispersão." Já  
tenho o plano completo do conjunto. Além  
dos versos que voulê tem, q'são os feitos ate  
hoje, haverão os seguintes n°.

Mentira, Rodópio, Como eu não possuo,  
A queda e, talvez (quincicamente) Aquelle

## CAFÉ RICHE

BOULEVARD DES ITALIENS, 16  
PARIS (9<sup>e</sup>)TÉLÉPHONE | GUTENBERG 68-32  
2 LIGNES | CENTRAL 86-29

que extraiu o genio, voltado poema.

Mentira - Não é nas outras pessoas  
só que eu me engano, e também em mim  
mesmo. corro para uma aventura. Tudo está  
certo. E ela não me acredita. - O que me acontece  
comigo próprio, dentro de mim. Olho para as  
coisas que crio, julgo-me príncipe. Mas são os  
mais próximos: todas se dispersam, não a São,  
também; belo meu não creio velas. (isto não  
se pode explicar, só executar). a realidade, como também não  
me acredite, "não pacífica", a fantasia.

Protopis - Volteiam dentro de mim as  
coisas mais heterogêneas:

Volteiam dentro de mim  
etiam protopis, os novelos,  
vilages, útos, castelos,  
Forças de luz, pesadelos,  
Altas torres de marfim...

Descrever a angústia de apaixonar tudo  
que posso é o que é impossível. Canções,  
muitas feridas. (A seguir a este n°, finge-se  
que, vira a "Partida de dormir")

Como eu não posso: o que eu deixo, nunca  
posso olhar nem possuir, porque só o possuiria  
depois. não é a lucra daquela reparação



que se quisera beijar, o que me satisfaria  
era sentir-me, sem aquela linda <sup>M54-118a</sup>  
e gentileza do seu corpo aperte (pois muitas  
delle n<sup>o</sup>)

A queda - A descaçã<sup>a</sup> deu a  
queda fantástica, como eu fui  
járo enragado sobre meu próprio.

Estes poemas seriam todas cartas, mas  
houve mais longe talvez "Piquel que  
estivolou o genio", que no entanto  
ai ainda posso renunciar a incluir  
nesta serie. É uma questão de momentos  
em q̄ o principiar a compôr.

Parece-me que afinal publicarei a  
serie, numerada, mas com títulos.  
Ela abrira por um poema com numeros  
"Partida", q̄ é a 2<sup>a</sup> parte ~~de~~ do  
simplesmente, & que vers' anno q̄  
um perfacto, uma "racão", do q̄  
se segue. O soneto q̄ che encer-  
teça o título de "Excavação", &  
a "Dispersão", passa' a chamar. e  
"Pois", difa-me você o que pensa  
sobre tudo isto e se entende melhor.

2º número as poesias. E por amor de Deus, diga-me rudemente<sup>o</sup>  
que pensa de cada uma delas dita  
entre os melhores. Puplico - che a'  
sua aurade! E o mais brevemente  
possível!!

---

O Congresso de "Dispersão", ficou  
talvez um pouco monotonio. Elas essa  
monotonidade dar-lhe-á um valor especial.  
E é preciso atender a que o folheto  
não seja menos de meia hora.

O metro que suprigo são de facto  
clássico. Não é que eu os prefira.  
Simplesmente as poesias têm - me dado  
esse - talvez porque a cada cota  
fazem o trabalho.

---

Pode ir a minha casa desde terça  
feira proxima para o caso fôr necessário.  
Isto porq o meu pai está em Funchal  
vindo fórem a Lx<sup>a</sup>, mas só aos domingos  
regulares. P'hois nesses dias poderá des-

à ordem necessaria e eu digo q  
vou traçar a partir de 89 para haver  
centena completa.

Como s'hem certo, magnificamente  
esprimiu o q'roce diz sobre a "ausia  
transbordante de outro, q' é como q'  
uma tortura física". Oh! hau  
que dureza, é uma tortura física -  
quanta vezes o tempo pensado.

Recebi o teatro fortei um do seu  
artigo e soletrado do "moro gênero de  
caricatura".

Pensso che todos os meus pendor,  
todos os meus drapos pelo seu verso  
me atraí e, cífautilmente, che  
roço q' faga um afogô e me  
afogaria o mais breve possível.  
Sua S.  
J. C. Correia

Quanto á H. dos Parchs, faga-o sair com  
esta q' em no livro che fazei as pequenas  
enendas.

Inter-entro =

1154-117

Numa incerta melodia  
Toda a minh' alma se esconde;  
Reminiscências d' onde  
Porturam-me em nostalgie...

Mauhá d' armas! Mauhá d' armas!  
Mouaria! Mouaria!...

Tacteio... dobro... resvalo...

Princesas de fantasia,  
Desenchantam-se das flores...

Que pesadelo tão bon...

Gressento um grande intervalo,  
Deliro todas as cores,  
Vivo seu nôvo e morro seu son...

6. Maio 1913 - Paris.

BIBLIOTECA NACIONAL

H. de Sá - Carneiro

- Vontade de dormir -

Fios d'ouro puxam por mim  
A soerguer-me na poeira,  
Cada um para o seu fim,  
Cada um para o seu morte...

-----

- Ai que saudades da morte ...

-----

Auero dormir... <sup>ancorar...</sup>  
~~coegar...~~

-----

Arranquem-me esta grandezza!  
P'ra que me conta a Beleza  
Se a riva posso transmigrar?...

Paris - 6 de maio. 1912

M. de Pa. Carneiro -

# Rodópia

sim

Voltei-me dentro de mim,  
 E eu rodópia, eu novelos,  
 Milagres, uiros, castelos,  
 Forcas de lux, pesadelos,  
 Altas torres de marfim.

Ascendi em felices, rastros...  
 Mais longe viam-me soes,  
 Sia pormontorios, faroes,  
 Upam-se estatuas d'heroes,  
 Endeiam lances e mestros.

Lebram-se armadas de cor,  
 Sangram cortesos de luxo,  
 Ruem-se braços de cruz,  
 E um espelho reproduz  
 Em treva, todo o esplendor...

Christais retinem de medo,  
 Percipitam-se estilhaços,  
 Chorem garras, manchas, lacos...  
 Planos, quebras e espaços  
 Vertigonam em segredo.

Luas d'ouro se embobedam,  
 Rainhas desfolham lirios,  
 Contorcionam-se círios,  
 Encantadas - se delírios,  
 Listas de pom enveredam...

Virgulam-se aspas em roches,  
 Letras de fogo e punhaes;  
 Ha missas e bacanaes,  
 Execuções capitais,  
 Regressos, apoteoses.

# - A Rueda -

É eu que sou o rei de toda esta incoerencia,  
 Eu proprio, turbilhão, anseio por fixa-la  
 E giro até partir... mas tudo me rostral  
 Em bruma e sonolencia.

Pe acaso seu minhas mãos fica um pedaço d'ouro,  
 Volve-se logo falso... ao longe o arremego...  
 Eu morro de desdém em frente dum tesouro:  
 Clorro á mingua, d' excesso.

Atéio-me na cõr á força de quebrando,  
 Estendo os braços d'alma — e heis um espasmo venço!  
 Tencero-me na sombra — em nada me condense...  
 Agonias de cui eu rido ainda sentanto.

Não me pude vencer, mas posso-me esmagar  
— Vencer, ás vezes, é o mesmo que toubar —  
E como inda sou lux, num grande retrocesso,  
Em raias ideias, ascendo até ao fim:  
Eles do acto & gelo; ao gelo me arremegam...

Tombei...

E fico só esmagado sobre mim!

Mário de Lacerda Camerino

Paris - Maio, 8. 1919.

115<sup>4</sup>-119

Pilvam madeixas ondeantes,  
 Tungem labios esmagados,  
 Ha corpos emaranhados,  
 Seios mordidos, golfados,  
 Sexos mortos de anseantes...

(Ha incenso de espousas,  
 Ha mãos brancas e sagradas,  
 Ha velhas cartas rasgadas,  
 Ha pobres coisas guardadas:  
 Um lenço, fitas, dedaes...).

Ha elmos, torfeus, mortalhas;  
 Emanações fugidias,  
 Referencias, nostalgias,  
 Obsessões d' harmonias,  
 Vertigens, erros e falsas.

Ha rislumbres de não-ser.  
 Rangem, de rago, níblinas;  
 Fuloram - se poços e minas,  
 Meandros, paues, xarinas  
 Que não uso percorrer ...

Ha vacuos, ha bolhas d'ar,  
Perfumes de longes - ilhas,  
Amarras, lemas e queixas,  
Tantas, tantas maravilhas  
Que se não podem sonhar . . .

Garis - 7 maio 1917.